

As questões lingüísticas na história(*)

As questões de Linguagem sempre tiveram os seus desbravadores. E, ainda, os seus sistematizadores, descobridores, questionadores, orientadores.

É nessa linha que se entende, aqui, de um lado, a reflexão de questões lingüísticas na paixão arrebatadora de Monteiro Lobato. MONTEIRO LOBATO (1972) Paixão que é mobilizada no interior da crise econômico-social gerada pelas transformações do modelo agrário-exportador ao longo da primeira metade deste século. De outro, a reflexão de questões lingüísticas na paixão serena de Magda Becker Soares. SOARES (1986) Reflexão que se deixa alimentar pela crise do modelo capitalista dependente, crise que tem a sua origem e o seu agravamento a partir da início da década de 60.



1. Seleção, organização e contextualização dos textos por Alafde Inah González e Edson Nascimento Campos.

PREFÁCIO ÀS "CONTAS DE CAPIÁ", DE NHO BENTO ²

Foi em casa do Cícero Marques. Certa noite encontrei lá dois estranhos, um gordão e moreno a quem davam o nome de Nho Bento – e era de fato um perfeito "Nho", bonachão, sossegado. O outro, um chatola, foi-me apresentado como Pagano. Eu podia pensar tudo daqueles dois homens, menos que fossem dois verdadeiros e grandes poetas. Em certo momento Cícero pede a Nho Bento que recite um dos seus poemas. Nho Bento levanta-se, limpa o pigarro – eu suspiro por dentro, preparando-me para a séca. Esses tais recitativos de encomenda são em geral uma estopa que a gente tem de engolir de cara amavel, com palminhas no fim e pedidos hipocritas de "Recite outra. . ."

Mas a minha surpresa foi grande. O homem pos-se a dizer, com uma expressão, uma verdade e uma propriedade inexecíveis, os melhores poemas caipiras que ainda ouvi – ricos de imagens novas, de modismos, de mil particularidades que no momento eu não podia analisar mas me *enlevaram*, como igualmente enlevavam a todos os presentes. Cícero olhava-nos orgulhoso – o orgulhoso dum empresário feliz. "Eu não dizia?" era a sua expressão ante o nosso espanto. E quando entre palmas Nho Bento terminou o seu poema o "Recite outro!" foi geral e sinceríssimo, porque versos como aqueles são como bom-bocados que um não contenta.

E depois de Nho Bento levanta-se Pagano e também diz emocionadamente varios dos seus "poemas negros", tão pitorescos e doridos. Foi uma das mais belas noites da minha vida, essa em que travei conhecimento com os dois estranhíssimos poetas, desses que não fazem invocação a Apolo, não entram nas academias, mas enchem a alma do povo e immortalizam-se de verdade – como o grande Catulo.

Discutiu-se depois a publicação dos poemas de Nho Bento e com prefacio meu! Pobre de mim! O menos critico dos homens, o mais sem jeito, e virado "prefaciador oficial" de livros, como antigamente havia na roça aqueles "oradores oficiais" das festinhas de familia. . .

Mas como eu já havia jurado aos deuses por fim a essa função prefaciadora, venho hoje declarar em publico e raso que não, não e não. Não faço o prefacio pedido, não só para não ficar mal perante os deuses, como porque acho difficil fazer um prefacio decente para um livro excepcionalmente bom, sincero, leal e de tanta beleza rustica como este de Nho Bento. Não o faço porque iria naufragar – e onde já se viu naufragio de motu-proprio?

Este nosso país é um assombro. Nascemos aqui, vivemos e morremos aqui e não o conhecemos. Conhecemo-lo tão pouco que quando apareceu o primeiro retrato *d'après nature* do jeca foi um espanto geral e uma celeuma que durou anos e ainda repercute. É que ninguem sabia como era o jeca – e sabem quantos jecas ha neste país? Milhões. Talvez 15 milhões, isto é, a terceira parte da nação! Mas esses milhões de nacionais vivem de tal modo segregados da civilização das cidades grandes e pequenas, tão alheios à cultura geral, que somos etnograficamente um balde com dois terços de agua e um de azeite – coisas imisturáveis.

Temos duas civilizações, ou melhor, duas "culturas"; a cultura importada, dos que vivem nas cidades, sabem ler e escrever e até livros escrevem! e a "cultura local", filha da terra como um cogumelo é filho dum pau podre, desenvolvida pelos homens do mato – o caboclo, o caipira, o jeca, em suma. Como o jeca nunca leu nada, nem escreve, a sua cultura

se foi fazendo ao tipo primitivo, por lentas acessões e restritas experiencias locias – e com a transmissão sempre oral. O assunto é grande demais para caber num prefacio; exige livros, já que se trata duma "cultura" de 15 milhões de seres humanos. Mas cumpre-nos aqui considerar a galope um dos aspectos dessa "cultura": a lingua, pois foi na lingua do jeca que Nho Bento nos encantou.

Essa lingua descende da que os portugueses introduziram e que alijou a lingua geral então existente nestes territorios: o tupi-guarani. Ficou a lingua portuguesa sendo a lingua geral do Brasil e até hoje o é. E por que o é? Porque aprendemos o portuguez de duas maneiras: de ouvido e de leitura. Se o aprendessemos só de ouvido, como acontece com o jeca, a nossa "lingua geral" estaria hoje tão distanciada da lingua portuguesa que um portuguez não a entenderia. O que conserva as linguas e impede que caminhem com velocidade excessiva pela tentadora estrada da evolução, é a escrita.

Mas como jeca nuncá soube ler nem escrever, a evolução da lingua portuguesa em sua boca se fez a galope. Nho Bento em seus poemás fixa muito bem a lingua falada do jeca – e antes que me esqueça; por que os nossos filologos não extraem a gramatica dessa lingua do jeca? Que interessante seria! . . . Quanta "mutação" vocabular, quanta variação da sintaxe, da prosodia, de tudo! . . . Troca do "b" pelo "v": "cumbérsa", "bérsa", "cuvérsa" . . . O "lh" substituido pelo "i": "abêia", "páia", "máia" (malha) . . . O "ou" reduzido a "ô", "fumô", "botô", "juntô" . . . Quantos aspectos!

Deviamos fazer a gramatica da interessantissima "lingua do jeca" como os franceses fizeram a gramatica da "lingua de oc"; e deviamos ensinar essa gramatica nas escolas, lado a lado com a gramatica portuguesa, em vez de torturar as pobres crianças com o terrivel e inutil latim do senhor Capanema. Ficaríamos assim educados em duas linguas, a geral, ou portuguesa, e uma lingua auxiliar, a do jeca. Que vantagem haveria nisso? Oh, grande: – poderemos falar gramaticalmente com os 15 milhões de jecas que ha no territorio brasileiro.

A evolução dessa lingua é curiosissima e inteligentissima, como todas as evoluções não atrapalhadas pelos breques dos artificialismos. A forma escrita das linguas é um artificialismo tremendamente embaraçador de evolução natural das linguas. Tão emperrado, que no ingles a lingua falada está p'ra cá, e a escrita está p'ra lá. Mr Churchill escreve "enough" e dia "inã". O jeca teve a felicidade de não saber ler nem escrever, de não se preocupar com a Academia de Letras, de usar dos jornais unicamente o papel – e graças a isso "evoluiu" a lingua portuguesa só de ouvido e sempre de acordo com as injunções da "lei do menor esforço" e da "lei da melhor compreensão". E como suprimiu besteiras inuteis! Os verbos, por exemplo. Nós, por causa da tirania da escrita, ainda estamos com tantas variações pessoais como as tinha o latim. Dizemos: Eu tenho, Tu tens, Ele tem, Nós temos, Vós tendes, Eles têm. Ha um grave defeito aqui. Se o pronome já indica a pessoa do verbo, por que indica-la de novo com a variação do verbo? Redundancia, bobagem – perda de esforço. O jeca mais economizador de esforço, porque vive na maior das penurias, diz: Eu tenho, Vancê tem, Ele tem, Nós tem, Vancês tem, Eles tem. O ingles diz: *I have, You have, He has, We have, You have, They have* – e tanto o jeca como o ingles exprimem perfeitamente a "pessoa que tem", sem estarem latinescamente variando o pobre verbo.

Ha uma estranha aproximação do ingles com a lingua do jeca, a ponto dum meu amigo, o visconde de Sabugosa, achar que essa lingua deriva do ingles e não do portuguez, como o saudoso Alvaro Guerra supunha. O jeca forma os seus plurais com a mesma inteligencia e economia do ingles; diz por exemplo, "as casa", "os home", "as muié", em vez de

2. A ortografia do texto é fiel à "rebelidia" ortográfica de Monteiro Lobato.

dizer redundantemente como o português, "as casas", "os homens", "as mulheres". O inglês diz, "the houses (a casas), "the men" (o homens), "the women" (a mulheres) – a mesma coisa que o jeca, só que invertido. Se pondo apenas o artigo no plural a frase fica perfeitamente clara, para que botar no plural também o substantivo? Pensa com muita razão o jeca e o inglês faz o mesmo raciocínio quando pluraliza o substantivo e não mexe no artigo.

Tudo isto eu diria no prefácio ao livro de Nho Bento, se fosse escreve-lo. E acentuaria que o mesmo direito que tiveram os portugueses de corromper o latim e transforma-lo em língua portuguesa, temos nós, letrados, de corromper a língua portuguesa e transforma-la na "língua brasileira"; e tem o iletrado jeca de "evolui-la" em outro rumo. Mais cientificamente, podemos dizer que a língua portuguesa no Brasil está sofrendo duas variações: uma lenta, da gente que sabe ler e escrever e outra rápida, da gente da roça segregada do urbanismo, do livro, do jornal e do rádio – o abençoado jeca que tem a sorte de não ler os jornais do governo nem os da oposição e de não ouvir a "Hora do Brasil".

Quem condena como coisa "errada" o modo de falar ou a língua do jeca, revela-se curto de miolo. Os modos de variação duma língua são fenômenos naturais, e não ha erro nos fenômenos naturais. Erro é coisa humana. Temos que estudar essas variações em vez de tortamente condena-las, pois condena-las equivale, por exemplo, a condenar os anéis de Saturno em nome dos planetas que não possuem anéis; ou as caudas dos cometas em nome dos astros suras; ou as sementes da paineira por virem ao mundo envoltas num algodãozinho em nome das sementes de capia que vêm nuas.

O latim barbaro dizia, ou devia dizer, OCULAVIT AD ME (*).

Por uma serie de corrupções que os filólogos de bom faro rastreiam, esse latim deu em Portugal a variação: OLHOU BEM PARA MIM. Houve melhoria de expressão; o "bem" está acentuando o modo de olhar.

O jeca ainda melhorou mais a frase e diz, como vemos no "Doce de Cidra", um dos poemas de Nho Bento: OLHO BEM N'EU. O pobre jeca, sempre de estomago vazio e na embira, forçado a levar ao maximo de suas conseqüências a lei do menor esforço, suprimiu o inutil "u" do "olhou" e dispensou a variação pronominal "mim", já que só com o pronome "eu" ele (e todo mundo) se arranja perfeitamente bem.

Mas como tratar dum assunto tão suculento e longo dentro da curteza dum prefácio? Só no que diz respeito ao setor da "língua do jeca", como Nho Bento a fixou em seu livro, teriamos de escrever um volume de 600 paginas.

Bem: e quanto teriamos de escrever sobre o merito dos poemas – o merito poetico, o merito emotivo, o merito humoristico, o merito pitoresco, o merito beleza? livros e livros... E querem que tudo caiba no coitadinho de um prefacio...

Não, amigo Bento, não posso fazer o prefacio que você quer. Ha coisas demais em seu livro e

*Quem de tudo que sabê
acaba, não sei proquê,
maluco que intê dá medo
fazendo as conta nos dedo
sem nunca podê acertá.*

O poema em que estão estes versos abre o livro e tem o nome de "Rosario de Capiá". Que linda obra-prima de observação da natureza agreste em correlacionamento com a emoção humana! O capia é um capim alto que produz como semente umas contas azulegas muito lustrosas e duras, com

as quais na roça se fazem os rosarios. Parece que já nascem para isso, pois apresentam um furinho dum extremo a outro muito proprio para receber o fio de linha. Para o bom Bernardin de Saint Pierre os melões também nascem com a casca dividida em gomos para nos facilitar o corte das fatias. Nho Bento começa o poema figurando uma touceira de capia à margem dum córrego, que ali nasceu e ali vive a ver "a agua correr o ano inteiro sem parar". O meio de com aquelas contas azulegas fazer um rosario

*É só a gente passá
um fio de linha no meio,
pra mode enfiá as continhas,
com jeito, pra não errá...
quando o fio tivé bem cheio,
cô'as conta tudo juntinha,
tambem tá prontinho e feito
um rosarinho perfeito
de contas de capia... .*

Só isso. É assim que na roça as meninas ou a mulher do jeca fazem os seus rosarios, muito mais bem vistos no céu do que esses rosario de luxo das damas ricas da cidade. Nho Bento dá alma às contas de capia e mostra-as no seu convívio com as aguas do córrego.

*Mas, como eu ia contando,
as conta de capia
azurzinho, bonitinha,
quando elas fica quietinha,
paradinha nas varinha,
tão vendo o córrego passá.*

Paradinha nas "varinha", isto é, nos caules do capim, como pedantescamente nós, letrados, dizemos. E agora vem a filosofia do poeta: o córrego é a vida que passa; e as contas presas ali no caule ficam

*guardando pra não perdê
o que as agua mexerica,
o que o córrego vai dizendo,
se coçando, se lambendo,
ispaiano os mixirico,
regatero que nem mico,
pulando que nem saci!*

Mas a agua que corre tambem tem seus sofrimentos, a coitadinha; e

*Passa as veis triste, calada,
não canta, não diz nada,
só geme com a dor que tem... .*

Oh, o choro das aguas que passam! É dor que as contas do capia não contam para ninguém; guardam-na consigo; não contam a gente

*...adivinha
proquê o jeito das continha
ademôstra sem falá... .*

Pois foi observando as contas de capia às voltas com as aguas do córrego, "olhando, sem piscar, paradinhas e quietinhas, tudo que se passa", que o poeta "imaginou" e "garrou" o

*...cumprimisso
de ponhá num fio de linha,
pra mode ficá bem juntinha,
minhas conta de capia*

(*) Informação do meu distinto e sabio amigo Fernando de Azevedo.

isto é, as recordações de sua vida, seus amores, suas mudanças de terra, tudo que viu e aprendeu do seu ponto de estacionamento à beira do córrego da vida. E Nho Bento compõe um poema dos mais realmente poéticos que possam existir. As principais contas de capilé de sua vida ele as enfileira ali, sobretudo a profunda afeição pela doce criatura que o botou no mundo:

*Aquela que só aconselhava
inté quando ralhava.*

E um dia o bom filho, já na idade madura, sentiu em si a eclosão do poeta; organiza então um rosário com as contas de capilé de sua vida para da-lo de presente à sua mãezinha no céu:

*No fim, quando enfilei a conta que fartava
pra sé a última conta inflada no fio,
meu coração tremendo se ria e chorava
e se assombrava inté co isso tudo que viu. . .*

*Meu pensamento então foi longe e me largô.
Levô o fio de linha e as conta que enfiava,
foi no céu campeá minha mãe donde tava
deu de presente a ela o rosário e vortó. . .*

O prefácio teria de historiar esse comprido poema, e todos os outros, e acentuar-lhes as belezas ingenuas; só assim ficaria o leitor com uma ideia aproximada da significação do livro de Nho Bento.

Quanta coisa linda esse livro nos vai deparando! Quanta continha de capilé no rosário de cada poema! Um deles me parece talvez o melhor da coleção - "Ribeirãozinho."

*Aquela caboca ladina e facera
que um dia, na estrada,
parô na portera,
me oiando incantada,
gostando de mim;
aquela caboca que eu sendo tão feio
me achava bonito, vestindo um pareio
de rôpa de brim. . .*

Aquela caboca que espia o que eu faço. . .

Aquela caboca que insina eu cantá. . .

*Aquela caboca que sempre me espia
falou que eu devia
oiá o ribeirão,
ponhando tenção no que as águas fala depressa, correndo.*

E o poeta descreve o ribeirão cujas águas passam resmungando "que nem gente véia".

*Oiando bem nele, de olho istanhado,
é que a gente pesca o que vai fazendo
o ribeirãozinho que passa correndo,*

*artêro e assanhado,
que depois, parado,
cochila e descansa
taliquá criança
que quando parece que cai de cansera
tá logo assuntando quarquê brincadera.*

E quem poderá pintar melhor a travessura das águas em seu eterno defluir?

*Quando ele esperneia que nem cabritinho
pregando pulinho
rasgando a ropinha de escuma que fica,
é mesmo a criança levada e curica
que brinca e que canta
desde que alevanta. . .
Que atrépa nas arve que nem serelepe
que se desimbesta prô riba dos estrepe
côs dois pés no chão;
que máia o dedão
nas pedra da estrada,
se rindo, zombando, fazendo caçoada
porque não ha nada
que faça pará
criança levada
quando qué reiná. . .*

*As águas que passa ligeira, pulando,
é iguá com as criança quando tão brincando
de "mestre mandá". . . de "tempo será". . .*

E Nho Bento vai por aí além, "criando", criando coisas ineditas em nossa literatura, tão simples, tão ricas de sugestão e beleza campestre:

*E as água vão indo,
correndo e sumindo,
aluindo os barranco, mexendo as pedrinha,
fazendo fosquinha,
taliquá criança
que mexe com tudo que topa e que arcança,
fazendo micage, ponhando defeito
co'a gente mais veia fartando o respeito. . .*

Todas as nuanças da água que flui são lembradas no poema de Nho Bento.

*E as frô, despencando,
vão se debuiando
no ribeirãozinho,
os gaio das arve largando sozinho
que nem fio ingrato
que esquece do trato
que teve do pai. . .*

*Ponhando sentido nas frô, quando cái,
quarquê comparança
se fais co'a esperança
que a gente pissuiu
e se consumiu. . .*

E afinal as flores vão virando babugem e param na escuma dos poços remansados. O poeta conta isso assim:

*E quando o corguinho, decerto cansado,
cochila, parado,
as frô que cairam
que se consumiram,
que também parô,
mas mudô de cô
de tanto rolá,
dá pena se oiá!*

Tá tudo juntinha,
tudo agarradinha,
que nem se conhece. . .
Vendo elas parece
que a espuma vermêia
que deixa elas feia
é que nem as cova mostrando os ossinho
de um corpo de anjinho

.....
Tá tudo quietinho
Inté os passarinho
cumbersa baixinho!

Como fazer prefácio a um livro dum diabo assim; impossível. Ficaria grande demais e não daria nem a metade do que a obra merece. Não cabe à crítica julgar Nho Bento. Isso está feito pelo juiz supremo: a enlevada expressão de encantamento de todos quantos o ouvem recitar. Diante desse enlevo, que vale a aprovação dum crítico? E como é disputado Nho Bento! Todos o querem. Solicitam-no de todos os lados, para todas as festas, como Catulo em seu período aureo.

E vendo isso, e comparando o enlevo que seus poemas nos provocam, ficamos a imaginar que neste país de duas "culturas" tão diversas, a letrada e a iletrada, talvez seja a iletrada a mais interessante, a mais original, a mais rica em poesia. Pelo menos poesia que nela existe é local, inédita, nascida aqui mesmo como os musgos, as avencas, as orelhas de pau. A outra cultura é, e sempre foi, de importação. Importou no começo a arte e a poesia do "reino"; depois importou-as da França; depois passou a recebê-las do mundo inteiro; e quando nasceu por lá a bobagem do Marinetti, nossa culturinha litorânea, bobinha, bobinha, começou a marinnetizar – e até hoje anda nisso em varios setores, como no da pintura, sem jamais conseguir que ninguém se interesse pelo que o jeca chama "porcaria".

Como prefaciá-lo livro de Nho Bento se esse livro é um formigueiro de sugestões mais inextinguível que certos formigueiros de saúva? Quanto mais a gente mexe nele, mais saúvas saem – e como botar todas dentro dum pobre prefácio de uma duzia de paginas?

Não, meu caro Nho Bento. Prometi um prefácio para seu livro, não nego, mas é que não o havia lido ainda. Agora que o li, rão a corda. E não, porque um prefácio decente teria que sair do tamanho dum dicionário. O melhor, em vez de prefaciá-lo, é dizer uma coisa só ao leitor: – Amigo, leia Nho Bento e aprenda; fique sabendo que poesia da verdadeira é isso. O resto que anda por aí é "intelectualismo versificado", lindo às vezes, mas com muito pouca verdadeira poesia dentro – e poesia local, original, inédita, nenhuma – salvo nos livros de Catulo. Leia o "Rosario de Capiá", se quer tomar um banho de imersão em poesia pura e travar relações com a língua do jeca – muito mais interessante e inteligente que esta nossa língua de letrados.³

3. Este texto de Monteiro Lobato constitui o prefácio do livro de OLIVEIRA, José Bento. *Rosário de Capiá*; poemas caboclos. São Paulo, Graphicars; F. Lanzara, 1946.

O QUE PODE FAZER A ESCOLA?

"A importância das relações entre linguagem e classe social não tem sido reconhecida, na área do ensino da Língua Portuguesa, no Brasil, nem têm exercido influência sobre esse ensino os conhecimentos que a Sociolinguística e a Sociologia vêm produzindo, a respeito dessas relações. É que o ensino de língua materna, entre nós, vincula-se a uma pedagogia conservadora, que vê a escola como instituição independente das condições sociais e econômicas, espaço de neutralidade, de que estariam ausentes os antagonismos e as contradições de uma sociedade dividida em classes. Na verdade, é uma escola que se põe a serviço dessa sociedade, quando, no ensino da língua materna, elege o dialeto de prestígio, a que só têm acesso as classes dominantes, como a língua legítima, que usa e quer ver usada. A consequência é que, como já se disse anteriormente, é a teoria da deficiência linguística, naqueles aspectos em que menos crédito merece, que continua fundamentando a prática pedagógica no ensino da língua materna, entre nós: uma prática pedagógica que julga a linguagem do aluno como *errada, pobre*, porque a avalia segundo a distância que a separa do dialeto de prestígio, considerado como a *norma, o padrão*; que desconhece a legitimidade de todas as demais variedades linguísticas, que censura e estigmatiza; que, por isso, se propõe a *substituir* o dialeto que o aluno domina, em decorrência de sua socialização em determinado grupo social, pelo dialeto-padrão, e tenta fazê-lo sem levar em conta as diferenças não só linguísticas, mas também culturais, sociais e econômicas que separam os falantes do dialeto-padrão dos falantes de dialetos não-padrão; enfim, uma prática pedagógica que ignora as múltiplas determinações – econômicas, sociais, culturais, políticas, ideológicas – de que a escola e as variedades linguísticas são produto. Certamente, cabe a essa prática pedagógica grande parte da responsabilidade pelo fracasso das camadas populares na escola. Pense-se, por exemplo, no problema da alfabetização responsável pelos altos índices de repetência e evasão na primeira série do primeiro grau: um processo de alfabetização que procura levar a criança à aprendizagem da língua escrita, sem considerar a distância que separa essa língua não só do dialeto-padrão oral, mas, sobretudo, do dialeto não-padrão oral que o aluno domina e sem considerar que essa distância é não só linguística mas também cultural, só pode fracassar.

O conhecimento – recente, mas já significativo – das relações entre linguagem e classe social e o reconhecimento dos aspectos políticos e ideológicos dessas relações, numa sociedade de classes, apontam para um ensino da língua materna radicalmente diferente."



As questões que Monteiro Lobato instiga e que Magda Becker Soares analisa não deixam de ser pensadas ou repensadas na leitura crítica que Jane Lisboa e Ledo Ivo fazem da alfabetização das crianças e dos adultos de nossas escolas.

ALFABETIZANDO

EVA VÊ A VALA.
(Mas não pode evitá-la.)
VAVÁ VÊ A UVA.
(Mas não pode pegá-la.)
VEVÉ VÊ O LIVRO.
(Mas não pode estudá-lo.)
VIVI VÊ A LUVA.
(Mas não pode calçá-la.)
IVO VÊ A NAVE
(Mas não pode abordá-la.)
VOVÔ VÊ A VOVÔ.
(Mas não pode ampará-la.)
EVA VÊ O OVO.
(Mas não pode amá-lo.)
VAVÁ VÊ O VALE.
(Mas não pode cruzá-lo.)
VEVÉ VÊ A VENDA.
(Mas não pode tirá-la.)
VIVI VÊ A VIDA.
(Mas não pode prová-la.)
IVO VÊ O VENTO.
(Mas não pode alcançá-lo.)
VOVÔ VÊ O VERDE.
(Mas não pode esperá-lo.)

(LISBOA, 1987)

A CARTILHA

PRIMEIRA LIÇÃO

Na escola primária
Ivo viu a uva
e aprendeu a ler.

Ao ficar rapaz
Ivo viu a Eva
e aprendeu a amar.

E sendo homem feito
Ivo viu o mundo
seus comes e bebes.

Um dia num muro
Ivo soletrou
a lição da plebe.

E aprendeu a ver.
Ivo viu a ave?
Ivo viu o ovo?

Na nova cartilha
Ivo viu a greve
Ivo viu o povo.

(IVO, 1974)

SEGUNDA LIÇÃO

Ivo viu o pão
atrás do balcão.

Viu a liberdade
entre o céu e as grades.

Ivo viu o amor
na concha: negror.

Ivo viu a fome
na barriga do homem.

E a carne, esperança,
pesar-se em balança.

Ivo viu a usura
na oferta e procura.

Viu depois a rosa
cercada de espinhos.

E uma vez passando
perto de um moinho

Ivo viu um homem
parado sozinho

com seu cheiro antigo
de centeio e trigo

com cheiro de pão
antes do balcão.

(IVO, 1974)

TERCEIRA LIÇÃO

Longe dos vinhedos
Ivo viu a uva
e escutou nas telhas
a canção da chuva.

Ivo viu a ave
esconder o ovo
e escutou nas praças
a canção do povo.

Ivo viu a porta
mas não viu a chave.
Ivo ouviu a música
mas não viu a clave.

Ivo viu a ave.
Ivo viu o ovo.
Suja primavera,
caminho do povo!

(IVO, 1974)

QUARTA LIÇÃO

*No jardim zoológico
Ivo num domingo
viu um dromedário.*

*Na segunda-feira
viu passar um trem
cheio de operários.*

*Ivo viu o ministro
plenipotenciário
coçar a urticária.*

*Ouviu o usuário
falar, apoplético,
da lei monetária*

*e a língua dormida
do latifundiário
crescer no notário.*

*Diante do sol sujo
Ivo viu o peixe
cativo no aquário.*

*E viu num enterro
a sucata do homem
na urna funerária.*

*Fora das igrejas
Ivo viu o Cristo
no alto do Calvário.*

*E viu o terror
das palavras presas
nos dicionários.*

*Ivo viu na rua
o gari achar
no lixo o salário.*

*Viu o salafrário
consultar o horóscopo
sob o Sagitário.*

*Na central elétrica
andando entre pilhas
Ivo leu de novo!*

*a lição poética
de sua cartilha:
viu a energia*

*que ilumina o mundo
somar-se em partilha
nas subsidiárias*

e ser luz do povo.

(IVO, 1974)



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. IVO, Ledo. Cartilha. In:—. *O sinal semafórico*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974. p. 325, 331-32, 339-40.
2. LISBOA, Jane Ribeiro. Alfabetizando. In:—. *Aperitivo poético*. Aracaju, Secretaria Municipal de Cultura, 1987. p.
3. MONTEIRO LOBATO, José Bento. Prefácio às 'Contas de Capiá', de Nho Bento. In:—. *Prefácios e entrevistas*. 14. ed. São Paulo, Brasiliense, 1972. p. 29-37.
4. SOARES, Magda Becker. Que pode fazer a escola? In:—. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 3. ed. São Paulo, Ática, 1986. p. 77-8. (Fundamentos, 10).